

O FUTURO DA TERRA

por Mário Soares

As questões ambientais tiveram nos Estados ditos avançados, um grande impacto nos últimos anos do século XX. A ONU e os Estados mais desenvolvidos criaram organizações nacionais e internacionais de defesa do ambiente. O tema era o clima e regiões onde era demasiado quente ou frio - conforme os casos - os oceanos estavam a tornar-se lixeiras e as regiões árticas e antárticas tinham calotas geladas a desaparecer, em função do aquecimento da terra.

Foi o tempo em que apareceram organizações dos chamados verdes (alguns melancias, verdes por fora e vermelhos por dentro), que procuravam salvar o ambiente e tinham ou não relações de tipo nacional ou internacional. E às vezes eram até simplesmente privadas.

Gorbachev mobilizou-se e criou a Green Cross International, a que me honro de pertencer. Os Diálogos da Terra continuam a ser realizados em diversos países e são o que restam desta preocupação.

Subitamente após, talvez, a guerra do Iraque, como os leitores se lembram, cujo ataque foi decidido nos Açores, sendo Durão Barroso o anfitrião (era então Primeiro-Ministro de Portugal) e depois todas as outras guerras foram desencadeadas, às vezes com armas atómicas com que ameaçavam, outras químicas, sem esquecer a Al Qaeda e os estragos que fez na América e não só.

A Chamada Primavera Árabe resultou em guerras sangrentas e algumas mesmo com utilização de armas químicas.

Contudo, apesar da morte do seu chefe, Bin Laden, a Al Qaeda como organização terrorista, não desapareceu, antes pelo contrário, como ultimamente se viu, com a prisão de Abu Anas al-Libi.

A ONU e outras organizações internacionais, como vários Gs, ainda se ocuparam dos problemas ambientais - cada vez com menos sucesso - como se viu na última reunião sobre questões ambientais que teve lugar na Dinamarca e foi um desastre, dada a pressão negativa dos grandes Estados (Rússia, China e Estados Unidos)...

E, desde então, a comunicação social deixou de se ocupar das questões ambientais e a própria ONU, em decadência, preocupada com Estados em guerra como o Egipto, o Líbano, e agora - há mais de dois anos - a Síria e as armas químicas, entre outras, deixou, ao que parece, de se ocupar pela temática ambiental.

Vem isto a propósito de um livro (em tradução portuguesa) que acabo de ler, escrito por um reconhecido cientista inglês Stephen Emmott, intitulado "Dez mil milhões, enfrentando o nosso futuro". E que escreve em contra-capa: "Trata-se de si, dos seus filhos, pais e amigos. Trata-se de todos nós. Trata-se do nosso falhanço, enquanto indivíduos, dos negócios (e eu acrescento sobretudo dos economistas) e dos nossos políticos. Trata-se da emergência planetária sem precedentes que nós próprios criamos. Trata-se do nosso futuro".

Em que consiste essa emergência planetária sem precedentes que a humanidade criou? Note-se que o autor do livro chefia um laboratório em Cambridge e uma equipa de mais ou menos jovens cientistas que se ocupam dos ecossistemas terrestres e marinhos e do impacto que exercem sobre a terra.

Segundo diz o autor, a espécie humana apareceu na terra há cerca de 200 mil anos. Ora há dez mil anos era só um milhão e por volta de 1800 os humanos eram mil milhões. Agora somos mais de 7 mil milhões.

Pergunta - cito - "chegámos a esta situação por via de uma série de acontecimentos que moldaram a civilização e a sociedade: a revolução agrícola, a revolução científica, a revolução

industrial e - no mundo ocidental - a revolução da saúde pública". Mas há mais por contar: "a exploração do solo pelo ser humano".

Ora a expansão da agricultura levou os humanos à revolução da saúde pública. E a partir de 1930 - diz - "deu-se a revolução industrial e o início da nossa dependência mortal do carvão, do petróleo e do gás, como fontes de energia".

A chamada Revolução Verde proporcionou um sistema de exploração do solo, o abate de animais e a ascensão de frotas de pesca industrial e intensiva. Houve, entretanto, um declínio sem precedentes de variadas espécies e a degradação de ecossistemas inteiros.

Em 1960 houve cem milhões de carros (automóveis). Em 1980 havia 300 milhões... E hoje, incomparavelmente, mais...

A nossa procura de água - não apenas a água para beber - mas a água necessária para a produção alimentar era elevadíssima. Mas em 1984 houve uma fome de proporções bíblicas, em virtude de uma seca generalizada.

Os dez anos mais quentes, de todos registados, deram-se a partir de 1998. Ora o clima, segundo diz o cientista Stephen Emmott "é um dos mais cruciais sistemas de suporte da vida na terra". E é produzido por quatro componentes: "a atmosfera (o ar que respiramos); a hidrosfera (a água no planeta); a criosfera (a camada de gelo nos glaciares); e a biosfera (as plantas e os animais)".

Somos agora mais de 7 mil milhões na terra. O que significa a necessidade de mais água, de mais alimentos, muito mais solo, mais transportes e muito mais energia. Assim - repare-se - "desde o ano 2000 tem-se levado a cabo dezenas de milhares de negócios com governos, grandes empresas e uma série de conglomerados empresariais, fundos de cobertura e instituições de especificações imprecisas, sediadas em países como a China, a Arábia Saudita, o Qatar, a Noruega, a França, o Reino Unido, a Alemanha, a Indonésia e os Estados Unidos. Estes países e organizações estão a comprar grandes extensões de terra em diversas regiões do Mundo, onde se incluem a África Subsariana, a Ásia e a América do Sul. Fazem-no com vista à extracção de madeira, metais, minerais, terras raras e fosfatos ou apenas para pasto ou agricultura".

A exploração do solo e a sua degradação, a perda de habitantes e a poluição são responsáveis pela diminuição das espécies. A União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais calcula - diz o cientista Emmott - que desde 2012 estão ameaçados de extinção muitos mamíferos e aves. Ou seja, muito da vida da terra está a desaparecer. Sem falar dos ursos polares. A perda das florestas tropicais é outra calamidade. Cito de novo o autor "a perda dos serviços prestados pelos ecossistemas ameaça a nossa sobrevivência".

Há outros problemas. "Mais alimentos significa mais emissão de gases, aceleração das alterações climáticas e ameaça o futuro da nossa alimentação". O consumo da água é outro - e gravíssimo - problema. Consumo que ao ritmo em que estamos é insustentável. Por outro lado estamos à beira de uma crise energética. As alterações climáticas estão a acelerar-se.

Por volta de 2050 - afirma o cientista Stephen Emmott - 70% de população mundial vive em cidades. Tudo isso será ocupar mais a Terra. E a gravidade dos fenómenos meteorológicos extremos provocarão ondas de calor, secas e cheias (como já está a acontecer), donde resultarão perdas das colheitas em muitas regiões do Mundo e a falta de alimentos. O segundo grande problema é a desertificação dos solos. O terceiro a escassez de água, com inevitáveis consequências na agricultura.

A verdade é que um Planeta com 10 mil milhões de habitantes é um pesadelo. Então pergunta o cientista: "quais são as nossas opções de pessoas sensatas?" Responde: "só vejo duas: recorrer à tecnologia e uma mudança radical dos comportamentos".

Basicamente aponta cinco: "1) tecnologias amigas do ambiente; 2) energia nuclear dominada; 3) dessalinização; 4) geoengenharia; 5) uma segunda revolução verde". Mas como é difícil cumprir as cinco ideias base, diz: "é preciso alterar o nosso comportamento, radical e globalmente, em todos os aspectos".

E aí entram os políticos - em geral - para as resolver, a todas, incapazes e esquece os economicistas que, na Europa, pelo menos, são quem mais manda... É certo que o Reino Unido nunca gostou da Europa, sobretudo, da zona euro. Mas sabe que precisa dela, como a América de Barack Obama que sabe que os únicos amigos fiéis que tem no Mundo são os europeus.

Voltando ao livro em questão afirma que a situação em que o Mundo se encontra é, escreve Emmott: "uma situação de emergência sem precedentes".

Acho que a ser verdade o que nos ensina no seu livro - o autor e os outros cientistas de Cambridge que o apoiam - é preciso fazer todo o possível para evitar a catástrofe que aí vem. Não por nós mas pelos nossos filhos e netos. E, para os patriotas, pelos nossos países. Sem optimismo o autor pensa que não será possível. Eu, como político, acho que devemos todos reflectir e fazer o que nos é exigido. Porque senão, como diz o autor, estamos mal. Não é o termo que ele emprega, mas se os leitores ficarem com curiosidade, comprem o livro. Vale a pena...

Lisboa, 22 de Outubro de 2013